

# O ECHO DO RIO,

## Jornal Politico e Litterario.

Parcite verbis.

HORAT. AD ROM.



Publica-se as quartas feiras e sabbados, na typ. Imparcial de F. de Paula Brito, praça da Constituição n. 64, onde se subscreve a 4.000 réis por semestre, pagos adiantados, e vendem-se numeros avulsos a 80 réis, nas lojas do costume.

### O ECHO DO RIO.

Em o numero antecedente estabelecemos como principio, que um governo deve governar, e a nação ser governada: que o governo se deve elevar á cima de todos os partidos, e não se confundir com algum. Todavia esta regra geral e quasi sempre verdadeira, pôde soffrer modificações: isto é, pôde haver casos em que convenha ao governo lançar-se nos braços de um partido: e hoje trataremos desta materia. Porem antes de entrar nella temos de fazer uma declaração muito positiva; e é que quando dizemos que o governo não deve seguir a nação, mas que se deve conservar ácima das facções, não entendemos, que deve dar por páos e por pedras, a torto e á direito, pancada de cego. O primeiro dever de um governo é ser justo: o segundo é examinar o que convem para o procurar e desprezar, e mesmo afugentar o que parecer prejudicar. Quaesquer que sejam as facções, que retalhem uma nação, qu'esquer que sejam os individuos, que as acompanham, por mais adversos, que sejam aos homens, que se acharem no poder, o dever deste é fazer exacta justiça. Um governo tem de ordinario muito com que favorecer os seus amigos, sem que seja necessario fazer injustiças a seus amigos. E por estas palavras se vê, que julgamos todo o governo, por que não fallamos deste ou daquelle ministerio, fallamos dos preteritos, do presente, e dos futuros, todo o governo pôde, deve mesmo repartir os empregos e as graças com os seus amigos, ou com aquelles, que espera que o sejam. Supponmos, que um governo tem uma ideia primaria, que serve de motivo á sua conservação no poder; e é a supposição de que o seu systema e principios, quer politicos, quer administrativos, são os mais adaptados ás circumstancias do paiz. Deve pois empregar todos os meios, que não forem reprovados, para fazer prevalecer as suas opiniões: um desses meios é cercar-se de amigos, conservando os antigos, e adquirindo novos. Mas, sentido que não vá receber indignos, e ainda mais, aquentar no seio a vibora, que o tem de morder.

Quanto á nós pois, o governo deve ser justo para com todos; isso é de rigoroso dever; quando podem se tratar de favores, deve mais attender aos que o apoiam, que á seus adversarios; ou antes não tem obrigação de attender a estes, por que deve conscienciosamente ter convicção de que esses não podem fazer o bem do paiz.

Diziamos porem, que circumstancias ha, em que um governo se pide e mesmo deve lançar nos braços de um partido. Rarissimas são ellas; muitas vezes porem acontece, que as facções dividem a sociedade por tal modo, que é impossivel, que o governo não succumba a não praticar algum acto de energia; ao mesmo tempo que vê, que seus adversarios nem ao menos estão em circumstancias de organizar um gabinete. Entre nós são pequenas em numero as fracções das camaras; todavia tempo houve, em que havia republicanos, havia os amigos do systema, que regia, havia restauradores, e não sabemos se algum absolutista. Demos pois a existencia destes quatro lados: ponhamos um ministerio tirado de um delles, mas querendo governar a todos e ser sobranceiro a todos: poderá ter contra si todos. Supponhamos porém, que foi tirado de um desses lados, ahi o temos com tres contra si, e por consequencia, sem se poder sustentar. Que fará? largará o poder? Mas, quem o hade substituir? Qualquer ministerio, que venha será tirado de um dos outros lados, e por consequencia terá sempre contra si tres lados, isto é maioria. E como supponnos sempre, que o ministerio julga conscienciosamente, que segue o bom caminho, entendemos, que em vez de estar a fazer crises ministeriaes, melhor é que faça uma alliança com algum dos lados, e que assim obtenha a maioria, que lhe falta. E' um meio de conservação.

Ha uma circumstancia, em que todo o ministerio é obrigado a retirar-se: é quando vê contra si uma maioria bem pronunciada, e conhece, que mesmo consultada a nação, não mudará sua fortuna: então está obrigado a retirar-se: ou se mesmo tendo contra si maioria, e tendo sido consultada a nação pela dissolução, a nova eleição ainda o deixou em mi-

norria. Então não deve mais procurar allianças : então, seu unico recurso é demittir-se.

Mas dissemos maioria bem pronunciada, e devemos acrescentar compacta : por que se a maioria fôr de colligação, ou coalisão, como se diz mais vulgarmente, já então as cousas mudam de figura. Taes maiorias são o maior flagello, que pôde affligir uma nação; por que não são mais, que minorias: só se unem para destruir; mas seja-lhes entregue o poder, que logo se apresentarão fraccionadas, taes quaes na realidade são: o ministerio formado dellas se constar de membros de todas as partes componentes, será fraco, por que não terá a homogeneidade precisa; e por consequencia, além de não ser capaz de fazer cousa alguma durante sua curta duração, em breve se dissolverá. E se o ministerio fôr tirado de um só lado, então necessariamente ficará em minoria.

Quando pois a maioria é de colligação, então muito bem pôde, e até deve o ministerio conservar-se no poder, em quanto se não forma a maioria, que o deve fazer sahir. Mas é então, que lhe é licito procurar a alliança de um dos lados, para supplantar os outros. Porém, como deverá fazer essa liga? E' o que se não pôde expendir em theoria: as condições então são ajustadas conforme as circumstancias.

#### AUGMENTO DE BRAÇOS.

Em o nosso numero anterior tratamos desta materia, e nos dirigimos aos lavradores, a fim de que aperfeioem seus processos, para que possam obter os mesmos productos com menos braços, o que valerá o mesmo que augmentar a estes: trataremos hoje dos meios de communicação.

E não pôde haver a mais pequena duvida, que a facilidade nos meios de communicação corresponde ao augmento dos braços. Os braços não são se não forças que carecem de ser applicadas; tudo o que tender a augmentar e desenvolver forças deve dizer-se que tende a multiplicar os braços.

As communicações ou se fazem por terra ou por agua; estas por meio das embarcações, aquellas pelos differentes meios de navegação, que são hoje conhecidos. Quanto á esta está hoje fora de duvida, que a mais vantajosa é a feita por vapor; e se algum invento se chegar a obter, pelo qual seja diminuida a despeza do combustivel, a navegação á vela passará a ser uma méra curiosidade.

Para as communicações por terra, tambem hoje se emprega o vapor: mas não é elle ainda tão vantajoso. A primeira necessidade nas communicações por terra são as estradas é para este objecto que se devem volver todas as vistas. E a este respeito cuidamos, que alguma cousa temos andado fóra do verdadeiro caminho. Assusta-nos a despeza de uma boa estrada: e todavia nada ha mais productivo que essa despeza, sobre tudo se a direcção da estrada foi bem calculada: e pelo contrario nada

ha mais inutil, do que o dinheiro gasto em fazer mãos trilhos. Estes, em poucos dias estão arruinados, de modo, que a despeza feita com elles, é em pura perda. Quando um povo tem de abrir differentes estradas, lucra mais em começar por uma, mas fazer esta logo de uma vez perfeita, do que emprehender muitas a um tempo, o que dará necessariamente muitos pedaços de mão caminho, que brevemente, ou ficarão de todo inutilizadas, ou seus reparos custarão muito mais, do que uma estrada nova.

As assembléas provinciaes, (fallamos muito especialmente da do Rio de Janeiro,) ou não tem conhecido a verdade, ou não tem tido força para a reduzir á pratica. Assim a temos visto emprehender uma boa porção de estradas a um tempo; mas cada uma dellas levando muito tempo, e arruinando-se com as primeiras chuvas. Assim como tambem temos notado, que tem sido feitas sem um exame prévio do terreno por onde tem de passar, e por consequencia, sem se ter indagado, qual o systema, que deve presidir á construcção, por que assim como as macadamisadas, por exemplo, não assentam bem em toda a especie de terreno, assim tambem não convêm a todos, as calçadas. Uma só estrada pôde dever ser, e ordinariamente é susceptivel de differentes methodos: em uma parte convira o francez, em outra o allemão, em outra o inglez. Entretanto vemos, que ali se ajunta a feitura de uma estrada, e que se dá uma forma geral para toda ella! Uma boa estrada não pôde ser feita, sem que engenheiro entendido depois de examinar o terreno é conhecer como obterá nelle maior elasticidade, diga qual o methodo, que convem.

As boas estradas aproximam as distancias, e por consequencia fazem que os homens, que tem de ser empregados nas conducções, se possam empregar mais tempo em outros serviços, assim como que mais facilmente se possam auxiliar mutuamente uns aos outros. As boas estradas diminuem os gastos das conducções.

Ha entre nós um projecto de estrada de ferro. Não nos assusta o dinheiro, que nella deve ser gasto, o que entendemos é, que tal projecto é prematuro, por que ainda não temos mercadorias sufficientes para fazer passar por tal estrada. As estradas de ferro são demasiadamente importantes, ou para ligar dous pontos, que entre si tenham bastantes relações, ou para atravessar um paiz bastantemente povoado e cultivado. Entre nós infelizmente, ainda é cedo: não temos ponto nem um no interior, cujas communicações sejam tão importantes, que exijam, ou mesmo possam sustentar uma estrada de ferro: nem tambem temos districto algum tao povoado, e tao cultivado, que elle se possa dar que fazer a essa estrada. Antes da estrada de ferro, são necessarias outras estradas. A Inglaterra, a França, a Allemanha, a America de Norte têm estradas de ferro; mas, que excellentes es-



tradas não tinham antes disso? Queremos começar por onde os outros acabam!

As estradas de ferro são excellentes, até como meios politicos; e de certo se nosso thesouro não estivesse gravado com tão enorme divida, seriamos o primeiro a recommendar, que todos os annos fosse gasta consideravel somma neste objecto: estradas de ferro e barcos de vapor, seria o nosso grito: mas não pôde ser: não temos pólvora para fazer fogo. E então, pediríamos essas estradas como meios politicos, e não como meios mercantis. Como especulação mercantil só as aconselharemos, quando os juros de nosso dinheiro tiverem baixado; quando nossos capitales forem taes, que a retirada de dous ou tres mil contos, não influam sobre o gyro da praça.

Já em outro numero o dissemos: esse projecto de estrada de ferro, devia ser convertido em projecto de colonisação, não como essa, que ali esteve no largo da Lapa; mas colonisação de lavradores, de homens, que trabalhem: esse sim, seria projecto vantajoso. Desgraçadamente a imaginação tem mais poder, que a realdade. Qual será o resulto desta empreza? nós ll'ò prevemos funesto para os emprezarios, funestissimo para o paiz: por que malograda, quando se tentará outra?

Cuidemos em estradas ordinarias: uma de cada vez, para que possa ser dirigida por um homem habil, para que possa ser bem fiscalizada, para que pôssa em pouco tempo ser adiantada sem prejuizo de sua solidez.

O Brasil necessita de estradas boas, duraveis, e sem luxo. O contrario disto, é meio de accommodar afillhados, meio de gnstar dinheiro, meio de satisfazer mesquinhas exigencias. De que serve um pedaço de estrada mui bonito, se no fim de um anno é um miseravel atoleiro? de que serve um pedaço de estrada mui bonito, se o resto é mais feio, que o inferno?

Uma arroba de café vem á côrte por dez, doze, e mais tostões, quando apenas tem quarenta ou cincoenta leguas, que andar: uma arroba de café vai ter á Eúropa por meia pataca, tendo de andar duas mil leguas. A razão disto, é a falta de boas estradas.

A assembléa provincial do Rio de Janeiro trabalha ha nove annos; já podia a provincia ter uma boa estrada. E tem-a? tem apenas pequenos pedaços. Quando terá uma completa, que a atravesse de uma a outra extremidade? quando uma que ligue com a capital, os pontos mais importantes da provincia? quando uma que atravesse os districtos mais productivos? Trabalha-se, bem o subemos; mas como se trabalha? quantas vezes ouvimos no verão, que se destruiu a obra do inverno? quantas pontes tem sido levadas pelas cheias? E tudo por falta da precisa solidez: tudo por que se quer fazer tudo a um tempo!

#### NOVA DOCTRINA DO -- PHAROL.

Quando por vezes temos dito, que não entendemos essas doutrinas, que abi nos pregam os jornaes da facção, não dizemos mais, que a exacta verdade: nem-um delles, apresenta ideias, que sejam filhas de systema, filhas de principios; pelo contrario, a cada passo estão mostrando ou que não entendem o que dizem, ou que escrevem só para encher papel, só para dizerem que escrevem, e nada mais.

O *Pharol*, depois de ter expendido muitas proposições avessas ao governo monarchico, o *Pharol*, cujo redactor sempre foi tido e havido como republicano da gema, e que proclama em todos os seus numeros, os principios mais democraticos, acaba de pregar a cruzada contra as eleições: segundo o seu numero 96, nem-um mal maior pôde entrar nas sociedades, do que sejam as eleições. Ali vão as suas palavras: —

— Os dias das ancias, das intrigas, das imputações, do servilismo, dos enganos, e das traições já passaram: agora a turba enorme dos candidatos divide-se em vencedores e vencidos; aquelles cantam o hymno da victoria, e saboream o fructo das suas tramas; estes arrependidos estão do tempo, que perderam e das baixezas, que praticaram; mas esperam melhor successo na futura eleição, appellam para daqui a dous annos. Infelizmente porém, as intrigas deixarão raizes, que hão de brotar; as traições são precursoras de outras traições; e consequentemente, as desconfianças reciprocas entre os membros de uma mesma familia, nascida de mesquinhos interesses, a vão enfraquecendo, e por fim hão de aniquilal-a totalmente. —

E deste modo, ficam proscriptas todas as eleições! O que deve ficar em logar dellas, isso não sabemos nós; mas o que vemos mui claramente dito pelo contemporaneo é, que das eleições deve provir finalmente nada menos, que o aniquilamento da familia Brasileira.

As eleições, dizem as palavras acima, começam por intrigas, imputações, servilismo, engano, e traições; depois vem os vencedores e vencidos, aquelles cantando, e estes chorando o tempo, que perderam e as baixezas, que praticaram, mas preparando-se para novas baixezas, e para novamente arriscar o seu tempo. Mas entretanto a intriga fica, e não fica só tal e qual foi empregada; brota; as traições são precursoras de outras traições, que por fim hão de aniquilar totalmente a nação.

E tudo isto por que? por alguma cousa, que valha a pena? Não; por interesses mesquinhos, diz o contemporaneo.

Se lessemos este trecho em algum pedaço de papel, que não soubessemos, a que obra pertencesse, cuidariamos, que o escrevera algum desses secretarios da monarchia absoluta; supporiamos, que fôra escripto em Vienna, ou em S. Petersburgo:

porém, foi no *Pharol*, que o lemos, e foi dahi, que o tiramos.

E por ventura deve uma nação conservar uma instituição de mesquinho interesse, que por fim hade aniquilal-a totalmente? Esta pergunta é subministrada pelas palavras do contemporaneo: e a resposta é muito obvia: não: não haja mais eleições.

E assim lá vai pelos ares o governo representativo. E, em seu lugar o que fica?

Será a democracia pura, em que todos os cidadãos sejam chamados nos concilios, e ahi venham dar o seu voto sobre os negocios do Estado, ou será a espada de algum militar feliz, que cortará á direita e á esquerda?

De certo, que o não sabemos. O que vemos unicamente é, a proscricção do principio electivo; mas o que o deve substituir, isso ainda o contemporaneo não se dignou dizel-o; nem bem o podemos colher de seus escriptos, pois que elle parece mais inclinado á democracia pura, que a qualquer outra forma de governo; mas a menos, que não queira retalhar o Brasil em cem milhões de partes, nunca poderá desterrar absolutamente o principio electivo.

Em fim, as palavras do contemporaneo ahi estão: entenda-as cada qual, como quizer.

#### GUERRA A' IMPRENSA.

As folhas da facção estão em furor, por que alguns de seus numeros foram chamados á responsabilidade. Queriam ellas commetter quanto desacato lhes ahi viesse á cabeça; e queriam, que a autoridade competente fosse impassivel! E para que servem as leis?

Estes meus senhores parecem estar ainda nos começos de 1821. Então com effeito, quando se proclamou o governo representativo, e se gritava — viva a liberdade — entenderam muitos, que essa liberdade queria dizer faculdade de fazer cada um o que quizesse, sem mais respeito ás leis, nem ás autoridades. Mas são passados 22 annos; e neste periodo parece que era tempo de aprenderem, que se governo ha, em que as leis devam ser rigorosissimamente observadas, é nos governos constitucionaes; por que nelles todas as autoridades são responsaveis pelo que fazem, e pelo que deixam de fazer. Se o promotor deixar de acusar uma folha, em que entenda, que ha criminalidade, o ministro competente deve logo tomar-lhe conta disso, por que se o não fizer, lá estão as camaras, para tomar contas aos ministros. Em os governos absolutos, a responsabilidade fica no empregado encarregado da execução; porém nos governos constitucionaes corre toda a escala dos empregados, e por isso, a lei tem de ser executada.

Não estamos costumados a isto: depois da regencia Feijó, estavam costumados a vêr a imprensa praticar toda a qualidade de despropositos, sem que ninguem lhe tomasse contas: mas é tempo de começarmos outra vida.

O *Nacional* convida os Brasileiros a se reunirem em associações; para auxiliar a imprensa e felicital-o pela lembrança: é verdadeiramente constitucional, e muito estimaremos, que o contemporaneo pregue sempre doutrinas constitucionaes. E' tambem uma craveira, por onde podere: mos medir as forças da facção.

Aproveitamos a occasião, para responder ao apello, que nos fez o *Pharol* sobre a responsabilidade, que tem aquelle, que trancreve artigos de outras folhas. O artigo 7 do codigo criminal, exime de responsabilidade aquelle, que apresentar obrigação com certas formalidades. Supponmos que logo, que o redactor do *Pharol* a mostrar, não haverá mais juiz, que o pronuncie. Em casos semelhantes a este, não valem raciocinios; é a lei, e sómente a lei, quem deve reger

#### DESGRAÇA SOBRE DESGRAÇA.

O *Pharol* tinha tomado um testa de ferro para responsavel dos artigos que foram accusados, fazendo, segundo nos consta de boa parte, mil promessas ao pobre diabo. Com effeito, foi este para a cadeia para servir o seu amigo, e fiado nas promessas delle: porém apenas o *Pharol* lá o apanhou de dentro, nem mais Deos te salve lhe disse. O coitado não contava com tanta ingratição! mas são cousas deste mundo.

Mas ainda o peor não foi essa: é que levado ao tribunal, a esse jury, que ainda ha dous mezes nos foi descripto pelo mesmo *Pharol*, como o representante da opinião do paiz, como o tribunal infallivel, mais infallivel, que o proprio Rhodamanto, o tal sujeito já tem umas poucas de condemnações ás costas, pelas quaes, devera seffrer não poucos annos de cadeia. Foi sobre queda, coice.

A lição não é má, para vêr se se escaldam os taes testas de ferro, e se assim a imprensa se contem nos seus limites. A liberdade da imprensa é da essencia do governo representativo; mas os abusos matam a liberdade.

#### NOTICIAS DO NORTE.

Chegou das provincias do norte o vapor *Imperatriz*, tendo feito a sua viagem redonda em 45 dias! Ainda não ha muitos annos, que era quasi absolutamente impossivel, ter noticias do Para com este intervallo; mas hoje vem e vão, graças ao poderoso agente — vapor. —

Todas as provincias do norte ficavam em perfeita paz e tranquillidade: e assim respondido o *Nacional*, que nos pinta o paiz em estado de fermentação terrivel, e prestes a cahir em ruinas! Tudo em socego! maldito ministerio! que hade fazer um pobre jornalista com semelhante monotonia? que hade fazer aquelle, que quizer fazer opposição? Tudo em socego: e com estas duas palavras, tudo está dito! Apostamos nós, que até o *Jornal do Commercio* ficou zangado com tal avides de roticias! Mas, de quem temos pena, é do *Nacional* e do *Pharol*: nem uma rusga!